



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

DJAIRE BACELAR PINHEIRO

**A LENDA DO BIANOR COMO ELEMENTO DE APRENDIZAGEM NA VILA DE
MUTUCAL/CURUÇÁ-PA**

Castanhal-PA
2018

DJAIRE BACELLAR PINHEIRO

**A LENDA DO BIANOR COMO ELEMENTO DE APRENDIZAGEM NA VILA DE
MUTUCAL/CURUÇÁ-PA**

Trabalho apresentado a Faculdade de pedagogia da Universidade Federal do Pará- Campus Castanhal, como requisito para obtenção do grau de licenciado em pedagogia.
Orientador: Professor Msc. Luis Carlos de Carvalho Dias.

Castanhal-PA
2018

DJAIRE BACELAR PINHEIRO

**A LENDA DO BIANOR COMO ELEMENTO DE APRENDIZAGEM NA VILA DE
MUTUCAL/CURUÇÁ-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia da Universidade Federal do Pará-Campus Castanhal, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia. Orientador: Prof. Msc. Luis Carlos de Carvalho Dias.

Banca examinadora:

Prof. Ms. Luís Carlos de Carvalho Dias (Orientador)
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Eula Regina Lima Nascimento

Prof. Ms. Marcia da Silva Carvalho

Castanhal, _____ de _____ de 2018.

A Deus que me deu força para chega até aqui, a minha mãe Durvalina Bacelar Pinheiro (in memorian) por sempre se orgulhar de mim, aos meus avós pela criação, a minha filha Ana Sophia as minhas irmãs (Thagory, Thanagory, e Lissia) e ao meu esposo Anderson Clayton, por sempre me incentivar e me apoiar em tudo e por todos aqueles que me ajudaram.

AGRADECIMENTOS

A Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal, por ofertar este curso. A Coordenação desta unidade, representada na pessoa do Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos. Aos diretores da minha Faculdade, Prof. Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos e Prof. Dr. Eula Regina Lima Nascimento, ao corpo Docente da Faculdade de Pedagogia, por compartilhar saberes e acreditar no potencial de cada aluno. Sem vocês não teríamos chegado tão longe. Ao secretário da minha Faculdade Washington Luís, aos colaboradores dos serviços gerais e aos guardas que zelam por este lugar.

A minha família, em especial as minhas irmãs, minha filha, meu sobrinho e aos meus avós pela criação e os valores que a mim foram ensinados dentre eles o amor e respeito ao próximo, ao meu esposo Anderson Clayton que é o meu maior incentivador e minhas tias em especial Maria Donaria, Alcione Ferreira, Aldeniza Ferreira pela ajuda em todos os aspectos.

Ao meu querido orientador Luiz Carlos de Carvalho Dias por se dispor em orientar meu trabalho e compartilhar parte de seu conhecimento. A minha coorientadora Marcia da Silva Carvalho pela carinho, dedicação e paciência em me ajudar na construção e por compartilhar seus saberes comigo palavras são insuficientes para expressar tamanha gratidão.

Nessa caminhada me deparei com muitos obstáculos, por vezes corria, diminuía os passos, diante da perda inesperada da pessoa mais importante de minha vida (mãe), fiquei perdida tive que dar uma pausa em tudo para me encontrar, diante disso encontrei mais do que colegas de turma, encontrei irmãos que quero leva pra vida toda pois eles sempre me incentivaram a não desistir e por vezes seguraram a minha mão para que eu não caísse em especial Rozivane, André, Adrielly, Vânia, Erica, Viviane, Almerinda, Elaine, Francinea e Simone. Consegui vencer com a ajuda de muitos pois ninguém consegue nada sozinho.

RESUMO

O presente trabalho discorre sobre a Amazônia, seus encantos e suas lendas, também busca compreender os que vivem em função desta tanto nos aspectos econômicos, quanto no que diz respeito ao imaginário amazônico através das narrativas orais, em especial a lenda do Bianor, que é uma lenda da vila de Mutucal na cidade de Curuçá-PA, e sua relevância tanto na vida dos moradores como no cenário escolar, haja vista que elas chegam até as escolas trazidas pelo imaginário infantil. Entender de que maneira a escola absorve esse conhecimento trazidos por eles e como os educadores utilizam esse fato na busca por uma metodologia diferenciada para que não se prendam apenas em documentos vindos dos órgãos superiores mas que dinamizem suas aulas de acordo com a vivência, os incentivando a serem sujeitos de seu conhecimento, a preservação desse patrimônio material e imaterial e natural, haja vista que eles preservam o rio, lugar onde segundo a narrativa local o menino foi encantado, buscando compreender como essa narrativa possibilita a preservação do meio ambiente, bem como caracteriza esse lugar.

Palavras-chave: Imaginário Amazônico, Lenda do Bianor; Patrimônio Material e Patrimônio Imaterial.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE CURUÇA	8
1.2 BREVE HISTÓRICO E COTIDIANO DA VILA DE MUTUCAL.....	10
2. AMAZONIA	11
2.1 A ORIGEM DA LENDA DO BIANOR.....	15
2.1.1 A visão dos moradores sobre a lenda	16
2.1.2 A visão dos professores da escola em relação a lenda	17
2.2 PATRIMÔNIO IMATERIAL.....	19
2.3 PATRIMÔNIO NATURAL.....	24
2.4 EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO	26
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	30
3.1 ANÁLISE DE DADOS	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	34
ANEXO	36

1. INTRODUÇÃO

A Amazônia é uma imensidão de riquezas naturais cercada por árvores exuberantes e rios de águas escuras e animais que fazem com que ela se torne única, tanto por suas riquezas naturais quanto por sua cultura, suas lendas encantam quem se propõe a ouvi-las.

A Amazônia é muito além do que podemos ver e tocar, a subjetividade de suas representações, o imaginário do homem amazônico que vive as margens de seus belos afluentes e que convivem com esses mistérios que eles mesmos tentam explicar através das diversas lendas que surgem como forma de explicar o inexplicável, o universo das encantarias e encantados da Amazônia. Nesse sentido torna-se relevante escrever sobre esse lindo lugar e sobre seus encantados, e como essa cultura está voltada para o contexto escolar, haja vista que os alunos que estão inseridos nesse meio geralmente as levam em seu imaginário para a sala de aula. Entender como os professores lidam com esse conhecimento valorizando-a ou não como elemento de aprendizagem.

Levando em consideração que as lendas são patrimônio imaterial e devem ser preservadas e compartilhadas, em uma educação que contribua para esse movimento fazendo com que os alunos compreendam a importância da cultura e memória de sua comunidade e conseqüentemente não as deixando cair no esquecimento.

Para a construção desse trabalho utilizei a obra Mitopoética amazônica: uma poética do imaginário, de João de Jesus Paes Loureiro, paraense do município de Abaetetuba, poeta, prosador e ensaísta e professor de estética e história da arte e cultura amazônica, na Universidade Federal do Pará, nasceu em 23 de junho de 1939 (79 anos). É pesquisador nas temáticas de mitos, lendas e encantarias.

O presente trabalho abordará uma lenda local chamada a “lenda do Bianor” da cidade de Curuçá, especificamente na ilha de Mutucal, a lenda despertou-me atenção pois como moradora de uma comunidade próxima chamada São João de Abade, ficava encantada ao escutar a narrativa que chegou até a mim através de meus colegas de turma que eram moradores da ilha de Mutucal, e traziam essa narrativa pra escola, transmitida oralmente pelos seus pais ou avós através de rodas de conversas. A partir das narrativas dessa lenda, compreendi a importância da

memória como um fator determinante na continuidade da história de um povo e o quanto enriquece nosso patrimônio imaterial, essa lenda até hoje é o maior mistério da comunidade que durante quase 65 anos encanta seus arredores com essa fantástica narrativa, como ressalta Loureiro (2001, p. 66):

“O estudo do universo mitológico produzido pela realidade imaginária, o universo dos encantados dos rios e das matas tem sido um dos ângulos mais fecundos para relacionar, compreender e explicar, na Amazônia, a relação dos homens entre si e com a natureza, região de silêncios, recortada pela emaranhada variedade dos rios na paisagem verde da floresta, a Amazônia torna-se um fertilíssimo campo de germinação para as produções do imaginário do homem, na fruição, no compartilhamento, na intervenção ou na explicação simbólica de sua realidade”.

Para a construção da pesquisa foi realizada uma vivência de maio a agosto de 2018, na comunidade para conversas informais com alguns moradores, realizando entrevistas semi-estruturadas com dois professores que estão atuando em sala de aula com faixa etária de 35 a 55 anos para entender de que maneira a narrativa é presente no cotidiano deles primeiramente como moradores desta comunidade, e segundo de que maneira eles compreendem a narrativa como elemento de aprendizagem e socializador. Neste sentido, a pergunta norteadora que a presente pesquisa traz para problematizar, é:

- Os professores, enquanto moradores acreditam nesta lenda?
- As crianças trazem a lenda pra sala de aula?
- De que maneira o professor utiliza a lenda no processo de ensino aprendizagem da criança?

1.1 BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE CURUÇA

O município de Curuçá está situado na zona fisiografia do salgado, distanciando-se a 137 km de Belém, estende-se por 672,7 km² e conta com 34.490 habitantes até o último censo, vizinho do município de Marapanim, São João da ponta e Magalhaes barata, São Caetano de Odivelas sabe-se que seus fundamentos históricos foram lançados no século XVIII, quando na margem do rio Curuçá, os jesuítas fundaram a fazenda do mesmo nome, com importante feitoria de

pesca onde, mais tarde, formou-se o povoado sob o orago de nossa senhora do rosário.

Em 1757, no governo de Francisco Xavier de Mendonça furtado, logo após a expulsão daqueles religiosos do domínio português, a localidade adquiriu categoria de vila com o nome de vila nova D'EL-Rei. Entretanto, no período da revolução da cabanagem, em 1833, foi extinta, ficando o seu território, incorporado ao do município de vigia, de onde reestabeleceu-se em 1850, com a primitiva denominação.

Em 1895, após ter aderido à república, a vila de Curuçá obteve foros da cidade. Porém a partir de 1930, sofreu outras supressões, até que, em 1933, emancipou-se político-administrativamente, em definitivo, sendo desmembrado do território de castanhal.

O topônimo é corruptela tupi do português cruz. Segundo o professor José Coutinho de Oliveira, significa lugar em que há seixos e cascalhos.

A fonte de renda de Curuçá é baseada na agricultura e pesca onde 50% é levado para as colônias e para a capital Belém compradas pelos marreteiros e vendidas a preços bem altos obtendo grandes lucros.

Com uma vasta cultura, a cidade é conhecida como a terra do folclore, a padroeira é nossa senhora do Rosário que é venerada desde a fundação da cidade os festejos são realizados no terceiro domingo do mês de setembro (círio) e a procissão de encerramento no último domingo de setembro.

São Benedito achado é outro santo venerado no município desde que sua imagem fora encontrada nesta cidade, nos últimos anos do século XIX. A sua procissão é realizada também em um grande festejo com leilões, grupos folclóricos e comidas típicas como: pato no tucupi, maniçoba, bebida aluá, manicuera etc. e também o festival do folclore que ocorre no segundo domingo do mês de julho é um acontecimento muito aguardado por curuçenses e municípios vizinhos, pois se apresentam grupos folclóricos e para-folclóricos como cordões de pássaros, boi bumba, grupos de carimbó, quadrilha e variados tipos de danças fazendo com que o evento se torne único no estado do Pará caracterizando o município como Curuçá a terra do folclore, e o tão esperado carnaval que é conhecido nacionalmente por conta do bloco os pretinhos do mangue que são foliões que se sujam de lama e saem pela avenida da cidade, o objetivo do bloco é a preservação dos nossos

manguezais e também os outros blocos que alegram a cidade o carnaval é um dos melhores do estado do Pará conhecido por ser um carnaval da paz.

1.2 BREVE HISTORICO E COTIDIANO DA VILA DE MUTUCAL

A Vila de Mutucal situa-se na denominada Ilha de Fora que abrange também as localidades de Pedras Grandes, Iririeua, Recreio, Algodozinho, Arapiranga de fora. Localiza-se a 7 km seguindo linha reta pela estrada de terra da Localidade de Pedras Grandes, rodeada por recreio, Algodozinho e Arapiranga de fora, banhada pelo rio Muriá e pelo oceano atlântico, teve sua fundação a aproximadamente cem anos e foi elevada a categoria de vila no ano de 1943, quando os pescadores das cidades de colares São Caetano de Odivelas e vigia atracavam seus barcos no porto pois próximo dali existe uma cacimba de água pura e cristalina, e a partir de então foram construindo casas e povoando a vila e hoje a população conta com aproximadamente mil habitantes.

A economia da vila é baseada exclusivamente da pesca artesanal de peixes e camarões os pescadores saem para pescar, e despescar curral de acordo com o lanço da maré, pescam e vendem os peixes para as vilas no seu entorno e também pescam para o seu próprio consumo a agricultura é inexpressiva sendo somente para a subsistência como: mandioca, cheiro verde, maxixe, chicória e outros, e alguns poucos moradores que são funcionários públicos e aposentados constituindo assim a economia da vila, é marcada pela tranquilidade não há registro de violência é um povoado pequeno onde todos se conhecem e mantem uma ordem.

2. AMAZONIA

Não há quem não se encante com a beleza e a riqueza vegetal e animal da Amazônia, cobiçada por navegantes e pesquisadores que vão em busca de desvendar os mistérios dessa floresta, cercada por rios que desaguam em um verdadeiro mar de água doce chamado rio Amazonas, que por suas características singulares a torna especial e única com múltiplos olhares voltados para esse paraíso verde.

A Amazônia está no imaginário de todo mundo, como a vastidão das águas, matas e ares; emblema primordial da vida vegetal, animal e humana; o emaranhado de lutas entre nativos e o conquistador; o colonialismo, o imperialismo e o globalismo; nativismo e nacionalismo; ideia de um país imaginário; o paraíso perdido; o Eldorado escondido; a realidade prosaica, promissora, brutal; uma interrogação perdida em uma floresta de mitos. (LOUREIRO, 2001, p.10).

Pesquisadores, geólogos, historiadores, e aventureiros vão em busca de conhecer ou até mesmo explorar os potenciais que ela oferece, não somente no que é tocável, mas também no intocável, naquilo que é subjetivo, no imaginário de cada um pois ela possui muitos mistérios.

São muitos os que percorrem a Amazônia. Tanto literal como metaforicamente. Em diferentes épocas, sob perspectivas diversas em distintas linguagens, percorrem a floresta e o rio, a realidade e o mito, em busca do desconhecido inextricável. Em suas narrações, científicas, filosóficas e literárias, empenham-se em classificar o que é, o que teria sido e o que poderá ser essa região, uma espécie de reserva ecológica de todo o mundo, uma invenção poética de todo o mundo. (LOUREIRO, 2001, p.9).

O homem amazônico mais conhecido como caboclo que geralmente mora nas margens dos rios vive em função da natureza e desta tira seu sustento através da pesca e agricultura e dos açazeiros, castanheiras e andirobeiras e muitas outras árvores cujos os frutos possuem valor de mercado.

“Depara-se assim na Amazônia com uma cultura de fisionomia própria, que é marcada por peculiaridades estatizantes significativas, com predomínio de componentes indígenas mesclados a caracteres negros e europeus e cujo ator social e agente principal dessa é o caboclo, tipo étnico resultante da miscigenação do índio o branco, europeu ou não e cuja força cultural tem origem na forma de articulação com a natureza”. (LOUREIRO, 2001, p.77).



Foto: Rio Amazonas.

Fonte: Djaire Bacelar Pinheiro.

As narrativas surgem para explicar um acontecimento real, mas que agregam elementos imaginários geralmente com elementos da natureza que dão vida há um personagem, os caboclos narram suas experiências criando então os mitos e lendas que são narrativas que contribuem para a formação da mito poética amazônica.

A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural. (LOUREIRO, 2001, p.65).

Por tanto esse imaginário amazônico retrata a vivencia dos ribeirinhos mergulhada nos encantos que as narrativas orais os proporcionam como ouvintes e até mesmo participantes. Nesse sentido para conceituar segundo Arinos (1917) o nome lenda vem de “ler” como “legenda” vem do latim “legere” é o que deve ser lido. Era o costume nos conventos o ato de ler as biografias dos santos e bem

aventurados, as leituras eram diárias e para os autores das obras eles eram tido como heróis e constantemente eram atribuídos fatos agregados a eles com uma expressão de crença viva pois o homem jamais deixou de acreditar naquilo que ele julga verdade.

É próprio do poético ter a dimensão do mito, tornando-se dimensão transfiguradora de fases históricas que são entendidas e idealizadas como épocas das origens, como se nelas tudo estivesse nascendo. Como se tudo estivesse em perene começo. Um exemplo seria da Grécia antiga, outro a Amazônia até praticamente os dias atuais. São épocas históricas de evolução social equilibrada em se percebe uma especial relação com a natureza em que os grandes choques de mudança ainda não aconteceram. É nesses contextos que o mito e a poesia assumem papel histórico complementar de memória estética dos homens. E neles -mitico e poético- contribuem para situar o presente em relação ao passado, reorganizando o passado em função do presente. A presença desses fatores, analisados em culturas como a da Amazônia, pode revelar o papel imaginário estetizador e poetizante, no conjunto de funções que a constituem e estruturam (LOUREIRO, 2000, p.68).

Para conceituar o gênero lenda e diferenciá-la dos outros gêneros, Paulo de Carvalho Neto (1981) nos apresenta seus conceitos:

“Mito-narrativa da ação de um ser inexistente. É a representação mental e irreal de um elemento com formas humanas, de astros, de peixes, de outros animais ou qualquer coisa, cuja ação em geral causa medo. (p.146).

Lenda- é uma narrativa imaginária que possui raízes na realidade objetiva. É sempre localizável, isto é, ligada ao lugar geográfico determinado (p.132).

Conto-narrativa ficcional, em prosa e verso, com começo, clímax e final, com a finalidade explícita de entretenimento.

Caso-narrativa de um fato, as vezes com origem em acontecimento real, com a finalidade explícita de entretenimento (p.42)”.

O ser humano desde o início sempre buscou uma forma de explicar os fatos que ocorrem ao longo do tempo e as lendas são narrativas que possibilitam essa explicação são fatos reais que se misturam com imaginário fazendo com que ela se torne única e que ao contar e recontar garante a disseminação para outras pessoas, diferente de outras narrativas caracteriza-se pela presença de seres humanos como personagem principal e de animais que representam o bem e o mal, e ultrapassam gerações garantindo a continuidade da história de um povo, é tida como verdade para uns e mentira para outros .

A lenda apresenta uma relação direta com o momento histórico do povo que a cria. Nesse sentido as lendas nos fornecem um caminho simples para os fatos culturais de uma civilização.com isso passamos a conhecer os mecanismos da variação cultural e, principalmente o modo de pensar de cada um, num dado momento de seu desenvolvimento histórico. (MACHADO, 1994, p.97).

Os encantados da Amazônia são seres que já existiram em forma de seres humanos mas que foram encantados por algum motivo e vivem geralmente em forma de caruanas (que são as cobras grandes) ou em forma de plantas, sempre com o intuito de transmitir alguma mensagem ao caboclo.

Aos encantados do mundo amazônico foi reservado um locus próprio: as encantarias, espécie de limbo onde as entidades dessa diversificada teogonia estariam reunidas, segundo Napoleão Figueiredo, os encantados cultuados pelas regiões populares “são entidades do mundo sobrenatural da religiosidade popular amazônica, que habitam a floresta e o fundo dos rios e que protegem, não somente dos homens, como também as comunidades em que os mesmos vivem; venerados sobre as formas mais diversas garantem a prosperidade, saúde, felicidade a quem a reverencia”. As encantarias, lugar onde moram os encantados-incluindo ai também aqueles que não são objetos de culto religioso- estariam localizadas acima das nuvens e a baixo do céu, como também nas florestas e no fundo dos rios. Embora sob uma nomenclatura indígena que perdura até hoje, nesse “panteão caboclo, muitas dessas entidades podem ser obscurecidas através de um termo genérico muito apropriado: são os encantados”. (LOUREIRO, p.96).

Portanto a Amazônia é um universo encantador não há adjetivos suficiente para explicar tamanha imponência e exuberância.

É importante a ontológica valorização cultural do olhar, na Amazônia, visto que revela a estreita relação entre o interior e o exterior: o olhar, como janela da alma que também introverte, na alma e na paisagem recobrando-a de uma capa de afetividade. O olhar fascina, seduz, mata, encanta, aterra, confunde, fulmina, penetra, torna o invisível visível. O olhar revela a contemplação do que contempla, no modo como dimensiona o contemplado a medida do contemplador. Mas é ao mesmo tempo, um olhar “distanciador”, que estranha a realidade, vendo nela algo além do que ela é, tornando-se um olhar de criação capaz de desencarnar realidades na realidade, de perceber os seres que há em cada um ser e nas coisas. (LOUREIRO, 2001, p.138-9).

2.1 A ORIGEM DA LENDA DO BIANOR

Segundo o morador (A), Bianor tinha 4 anos quando desapareceu nas matas de Mutucal, filho de seu Candido e dona Izabel, em uma manhã no ano de 1951 os pais de Bianor saíram para seu roçado arrancar mandioca para fazer farinha, na volta do serviço encontraram umas crianças voltando da escola, neste momento estes perguntaram a eles se tinham encontrado com o Biaco (apelido do menino Bianor) que havia ido atrás de seus pais. Mas eles não acreditaram pois tinham deixado o menino dormindo, então quando chegaram em sua residência perguntaram a seus outros filhos o paradeiro de Bianor e eles responderam: “ele saiu atrás da senhora e do papai”, e de imediato voltaram ao roçado na esperança de encontrar Bianor pelo caminho, mas não o encontraram. Rapidamente a notícia se espalhou pela comunidade e logo muita gente saiu para ajudar a procura-lo já que naquela época a mata era fechada passaram o dia e a noite a procura de Bianor, mas a busca não teve sucesso e os dias iam se passando. A notícia se espalhou fazendo com que pessoas de comunidades vizinhas se dispusessem a ajudar nas buscas na mata durante a noite, parecendo uma cidade iluminada. Muitos que participaram na busca dizem que a única suspeita da pegada de Bianor acabou as margens do rio.

E para que as buscas não parassem um comerciante da ilha de Mutucal contratou algumas pessoas para que não saíssem do local do desaparecimento fornecia comida e candeeiro, a procura pelo menino durou dias e noites porém sem sucesso.

Inconsoláveis os pais do menino recorreram a um pajé e no ritual realizado, os que assistiram o ritual do pajé disseram que o menino veio dizer que estava encantado em uma cobra grande, e que poderia se desencantar, se alguém tivesse coragem de ir na praia da romana, a meia noite pontualmente, que lá ele seria desencantado, E que era para a mãe preparar um quarto com tudo branco que se ele

Fosse desencantado ficaria por sete dias trancado sem poder conversar com ninguém.

De imediato um senhor chamado seu Arcelino se prontificou para ajudar nesse trabalho de desencantamento, precisando somente ser orientado de como

deveria ser feito o serviço. O menino, na voz do pajé explicou: que era para comprar um terçado e um machado novos, ou seja, que nunca tivessem sido usados, e bem afiados e ir à meia noite na praia da romana, no local indicado por sinais, que então ele iria aparecer na terceira onda e vinha formado em cobra; a primeira e a segunda onda eram apenas advertências para que na terceira onda já estivessem preparados para cortar.

Esse golpe era pra ser desferido antes da onda quebrar, porem quando a terceira onda veio ele deu o golpe atrasado e não conseguiu quebrar o encanto. Bianor voltou a baixar no pajé e disse que agora os encantos haviam sido redobrados fazendo com ele continuasse a ser uma cobra.

2.1.1 A visão dos moradores sobre a lenda



Foto: vila de Mutucal.

Fonte: Djairé Bacelar Pinheiro.

Cada morador tem sua maneira de narrar a lenda pois o ato de narrar é subjetivo e é isso que encanta o ouvinte. O morador (A) relata:

Bianor saiu para encontrar seus pais na casa de farinha e sumiu, se ele estivesse vivo atualmente ele estaria com 64 anos. Há uns anos atrás, diz o

morador que tinha um senhor lá nas pedras grandes chamado seu Arcelino, o Bianor baixou nele e falou tudo o que ele tinha que fazer para desencantá-lo, ele era no costeiro da praia da romana já pensou como era a 50 anos atrás era medonho, então esse pajé falou que tinha coragem de ir lá fazer o trabalho do desencantamento, então o Bianor disse que vinha três maresias na terceira maresia vinha a cobra que era pra dar uma pancada na cabeça da cobra, deixa estar que quando foi dando umas quatro horas da tarde ele já estava de volta não teve coragem pois a praia é encantada, as seis da tarde é de colocar qualquer macho pra correr. Assim passado uns dias ele baixou novamente num pajé e disse que ele veio, mas a pessoa que estava pra fazer o serviço não fez, claro né o pajé já estava perto não e ele disse que o encanto redobrou. O pai de Bianor, quando vivo dizia que ele escondia as ferramentas de trabalho e aparecia num muricizal que havia no terreno da família. Uma vez um rapaz foi pro rio tomar banho e ao voltar avistou um rapaz juntando murici que perguntou: você quer murici? o rapaz respondeu: quero. Então ele disse quem é você? Ai ele respondeu sou filho do seu Cândido, então o rapaz respondeu: mas o seu Cândido só tem um filho chamado Balduino, então ele respondeu: mas eu sou filho dele, então quando o rapaz chegou na casa dele, estava com uma grande dor de cabeça e foi bater para o hospital, Então temos essa lenda aqui na nossa vila que é muito viva ainda eu acredito muito.

2.1.2 A visão dos professores da escola em relação a lenda

A professora entrevistada faz seu relato:

Meu nome é “Eulália” da Silva Azevedo sou professora há 32 anos na ilha sou moradora da comunidade desde que nasci, ao ser perguntada se ela acredita na lenda ela me deu a seguinte resposta: uns acreditam outros não, mas eu acredito porque meus pais são parentes da família, minha mãe é prima da mãe dele, e eles acreditavam, pois na época saiu muita conversa dele ter sido comido por um bicho mas meu pai dizia que se assim fosse eles teriam topado rastro de sangue de roupa mas não toparam nada, nenhum sangue ou resto da roupinha dele então eles acreditavam sim que aconteceu isso, dele ter sido encantado, porque o rio era muito longe nessa época não tinha tanta casa a roça era longe quem sabe se ele não foi indo pra vargem sozinho mas eles acreditam que ele foi encantado porque se fosse comido por bicho eles iam topar com alguma coisa pois foi uma semana andando dia e noite nessa mata era com lamparina, candeeiro, e nunca toparam nada, quando foi pra mãe dele descobrir a história que realmente ele tinha sido encantado, ele começou a baixar com 10 anos de idade foi em uma moça que era parente, que ele foi declarando para a mãe dele que ele estava nessa idade e não era para ela meter na cabeça que ele tinha sido comido por bicho que ele foi encantado e que a morada dele era dentro de uma cobra, inclusive que quando ele tivesse com 18 anos que tinha um pajé chamado seu Arcelino que era para a mãe dele contratar um pajé que tivesse coragem de ir lá

pra praia da romana arrumasse homens que era pra ver se desencantavam ele porque se não desencantassem ele os encantos iam se redobrar, que era pra mãe dele preparar um quarto com tudo branco se caso ele se desencantasse ele ia ficar isolado por 7 dias daí ele ensinou como era que o pajé teria que fazer que quando viesse a primeira e a segunda onda que ele não fizesse nada na terceira onda não importava se ele não visse nada que

era pra jogar terçado, machado era pra acertar na onda que viesse que com certeza a cobra vinha no meio dela contando que a cobra sangrasse e quando eles fizessem isso não era pra eles olharem para traz era pra eles virem embora, só que quando veio a terceira onda eles não esperaram e vieram embora com medo, daí com uns dias ele baixou numa moça chorando que ele estava com tanta esperança de ser desencantado que a vontade dele era ser um dos melhores pajés adivinhador no lugar dele mas o que eles fizeram foi só dobrar os encantos dele, disse que ele sentia muito pois ele queria olhar a mãe dele e com isso depois disso ele sabia que nunca mais ia poder ,eles compraram uma casa daí ela sempre pagava pra fazerem chamada, e que também horário de 6 da manhã 12 dia e 6 da tarde ela via pois a casa era rodeada de muricizeiro ela era cansada de ver aquele rapaz branco loro e que quando os pessoal chegavam pra ir pro rio ela sempre avisava que quando desse meio dia ou 6 da tarde que se eles vissem alguma coisa finjam que vocês não viram não fale não pergunte nada inclusive dizem que uma vez um senhor foi juntar murici e se deparou com esse rapaz e perguntou tu queres murici? E botou na mão dele e continuou conversando com ele e o rapaz ficou calado, e que não conseguiu nem chegar na casa dele com muita dor de cabeça e que teve que ir pra Belém se tratar nessas casas que quase ficou louco ai ela disse eu já não cansei de dizer pra vocês pra não falarem não olharem pois ele se apresentava na casa de forno e também onde eles guardavam as mandiocas ele ia dormir lá toda noite em forma de cobra e quando foi com o tempo ela tinha um filho de outra religião que era contra isso ele dizia pra ela acabar com essa besteira que isso tudo era ilusão que esse pajés só estavam comendo o dinheiro dela que isso não existia e como ela veio a ficar mais velha ele pegou e levou ela pra terra alta e nessa ida deles ele se afastou daqui ninguém tinha falado que ele tinha baixado em alguém, daí passou uns tempos o pai morreu e com mais uns tempos a mãe também morreu, daí com tempo ele começou a aparecer no rio, daí eles venderam a casa pra uma família como essa família morava pra Belém deram pra um tio tomar de conta, mas ele não chegou a durar uma semana, ele atava a rede no e quando ele via aquelas mãos tiravam e jogavam ele contudo no chão ele fazia fogo e apagavam e muitas outras coisas daí a mulher deu pra outro foi a mesma coisa, uma noite o homem foi no quintal viu aquele rolo de cobra e saiu só num desespero daí ela esbandalhou a casa e não deu mais pra ninguém, daí veio o irmão dele e construiu uma casa próxima dali, só que ele é de outra religião e sabe que existe mas não quer acreditar, então há muitos mistérios, esses dias eles estava comentando que foram para o rio bater foto ai ele apareceu, por isso que eu nem passo perto e nem vou pra lá, não vou e nem deixo meus netos irem, eu tenho muito medo.

É colocado aqui a visão de um morador a e de um professor para falarem a respeito de como a narrativa influencia tanto na vida da comunidade como no trabalho escolar, e colocou-se uma fala de cada agente da pesquisa para que a mesma não ficasse redundante, pois cada um tem seu modo de narrar a lenda e explicar como ela ainda é viva e de como a comunidade respeita e preserva esse momento histórico que caracteriza essa comunidade fazendo com que pesquisadores de várias regiões do estado do Pará, fossem até lá para conversar com alguns moradores, a respeito da narrativa.

A narrativa constitui a consciência histórica na medida que recorre a lembranças para interpretar as experiências do tempo. A lembrança é, para a constituição da consciência histórica, por conseguinte, a relação determinante com a experiência e o tempo [...] o passado é então como um floresta para dentro da qual os homens, pela narrativa histórica, lançam seu clamor, afim de compreenderem, mediante o que ecoa, o que lhes é presente sob forma de experiência do tempo (mais precisamente: o que mexe com eles) e podem esperar e projetar um futuro com sentido (RUSSEN, 2001, p.62).

Geralmente vão em busca dos moradores mais antigos que participaram das buscas, para colher relatos para catalogar e fazer documentários. O morador (B) nos relata que: a Tv Cultura tem documentário sobre a lenda que na época que a televisão veio até a comunidade a dona “Maria” ainda era viva e sabia de muita coisa ela era a memória da comunidade por ser a moradora mais antiga ele lamenta ao falar que muito desse conhecimento morreu junto com ela.

A memória não é um simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas fundamentais de nossa existência, que é a relação com o tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado. A memória é o que confere sentido ao passado. A memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir espera-lo e compreende-lo) (CHAUI, 1996, p.130).

Devido os relatos, as pessoas da comunidade não valorizam esse conhecimento pois o pouco que se tem escrito são de pessoas de fora que vão até a comunidade para pesquisar, percebe-se pelo relato desse morador o desconhecimento da comunidade da importância da preservação do patrimônio imaterial.

2.2 PATRIMÔNIO IMATERIAL

Esse pequeno tópico é para expressar tamanha tristeza diante da perda de praticamente toda a história do Brasil, no dia dois de setembro de 2018 ocorreu o incêndio no museu mais antigo do Brasil fundado em seis de junho de 1818 localizado no estado do Rio de Janeiro , devido à falta de manutenção elétrica, por conta do descaso do poder público devido aos cortes de verbas destinados a manutenção e preservação do museu local onde era guardado bens de valor

incalculável, patrimônio material e imaterial do país, duzentos anos de história reduzidos a cinzas dentre todas as perdas o mais antigo fóssil de um ser humano encontrado no Brasil a descoberta foi feita pelo bioantropólogo Walter Neves da universidade de São Paulo (USP) considerada como o maior símbolo da pré-história nacional, luzia resistiu a onze mil anos protegida pela natureza, mas não conseguiu resistir a vinte anos protegida pelo poder público, e dentre outros arquivos como por exemplo as línguas que eram faladas por algumas tribos que hoje não existem mais foram perdidas e conseqüentemente extintas para sempre pois não havia outros registros, dentre muitas outras perdas, palavras são insuficientes para expressar tamanha angústia por essa imensurável perda.

Segundo o Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) as lendas são consideradas patrimônio imaterial pois é um conhecimento transmitido de geração em geração e caracteriza a identidade e continuidade da história de um povo, contribuindo para promover o respeito a diversidade cultural.

A organização das nações unidas para educação e ciência e a cultura (UNESCO) define como patrimônio imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos técnicos como: instrumentos técnicos artefatos lugares culturais que lhes são associados que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural”.

Ferreira (2006), nos diz que para além da origem jurídica do termo o sentido patrimônio é o de permanência do passado, da necessidade de resguardar algo significativo no campo das identidades. As lendas são acontecimentos vividos e que devem ser preservados, as memórias coletivas são efetivadas, e exteriorizadas através da oralidade com rodas de conversas entre moradores da comunidade e que sustentam um estilo de vida.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, descola estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 2003, p.36)

Preservar as lendas locais é manter a cultura viva de um povo que sofre constantes transformações, diversos tipos de aculturação, principalmente quando saem de seu lugar de origem a passam a morar em lugares onde a cultura dominante das cidades que tem outra maneira de viver e outras representações não

respeitam esses costumes trazidos e de uma maneira ou de outra pra tentar se encaixar em um padrão imposto, no entanto tentam manter seus costumes outros acabam deixando de lado , ou talvez por não conhecerem a importância de preservar a sua forma de viver, e sofrem preconceito.

Os caboclos da Amazônia, mesmo nas cidades, mantem a medida do possível sua cultura. Está de um lado, é marginalizada ou ignorada pelos poderes públicos, tomada sob a condição de uma subcultura; de um lado, a interdição de participação nos âmbitos da cultura de origem europeia e americana considerada superior propiciou a cultura cabocla entre os segmentos mais pobres da população da cidade. (LOUREIRO, 2001, p.43).

A memória é fundamental para a preservação e disseminação de um acontecimento e possibilita as gerações futuras compreenderem o presente relacionando com o passado para entender costumes e crenças de uma determinada cultura pois não existe patrimônio seja ele material ou imaterial que não seja cultural, pois todo patrimônio transmite uma mensagem.

A cultura de um povo é fonte inesgotável de inspiração, de símbolos, de experiências, de trabalho acumulado, de beleza, de utopias e a “preservação da memoria coletiva por um grupo, ainda que seja pequeno é uma verdadeira tabua de salvação para toda a comunidade (LOUREIRO, 2001, p. 77).

E para finalizar um morador da ilha chamado “Pedro” compôs um poema em homenagem ao menino Bianor que relata as possíveis teorias e o sentimento que vive em seu coração a respeito dessa linda narrativa.

”Caminhadas sem rastros passos sem pegadas
Desaparecimento súbito um mistério nos deixou
Encantado para ser protetor ou para sempre nos deixou
Eis os mistérios de mutucal a morada de Bianor
Assim ficou conhecida a lenda do Bianor”.

Além desse poema a lenda conta com uma composição de carimbo escrita por um professor chamado Marcileno:

Eu vou contar uma história real,
Eu vou contar uma história real
lenda do bianor lá de mutucal
lenda do bianor lá de mutucal

(2x)

É uma história de arrepiar
 é uma história de arrepiar
 que virou lenda popular
 na cidade de curuça

em um dia de muito trabalho
 bem cedinho seus pais acordaram
 e pra mata se embrenharam
 e dormindo bianor deixaram
 foi então que bianor se acordou
 e o seus pais ele não encontrou
 e uma voz ele escutou
 era uma voz do além que lhe chamou
 bianor bianor
 vc tinha um chamado
 quero te levar bianor
 vou te deixar encantado

(2x)

E sua tia poi se a procurar
 Por bianor começou a chamar
 E seus pais começaram a chorar
 E o povo todo também foi procurar
 Mata a dentro tudo foi em vão
 Foram at´
 o lago caraná chamado aos gritos que decepção
 As suas roupas jogadas no chão
 Desespero da mãe e do pai
 Ai meu ilho onde tu estais
 E agora oque agente faz
 Ai que destino que a gente traz
 Em um dia de uma pajelança
 Seu pinheiro pajé de confiança
 Recebeu caruana de uma criança
 Seu nome, bianor que tamanha esperança

Sou bianor sou bianor
a uiara me encantou
Agora eu sou caruana eu sou
de tão criança que eu sou
(2x)
Bianor então foi encantado
Descobriram naquele trabalho
Que dos encantos tem que ser libertado
E todo mundo ficou espantado
Foi então que caruana falou
que bianor em cobra se transformou
e a solução ele não comentou
e seu padrinho pode salvar bianor
a meia noite na beira da praia
com um terçado o padrinho estava
e o terceiro banjeiro que lhe esperava
para quebrar o encanto
que bianor...
e chegou o momento fatal
e na banzeiro a serpente do mal
que encheu de medo aquele local
e não libertou bianor ai que triste final.
Sou bianor sou bianor
A uiara me encantou
Minha historia se transformou
Em lenda do bianor
(2x)

As narrativas tem disso de despertar o que há de mais bonito no ser humano seu sentimento de amor, pertencimento e orgulho de sua cultura.

2.3 PATRIMÔNIO NATURAL

As leis ambientais criadas ao longo da história e consolidadas a partir da constituição federal de 1988 no qual encontra-se especificamente no título VIII da ordem social, capítulo VI do meio ambiente artigo 225. No qual o destaque:

Art.225: todos tem direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial á sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder publico e a coletividade o dever de defende-lo e preserva-lo para as presentes e futuras gerações.

O texto da constituição explana de forma geral o dever de cuidar do meio ambiente como garantia de sobrevivência dessa e de outras gerações com o uso sustentável do meio ambiente. É da natureza que o homem tira a matéria prima para sobreviver daí a importância da preservação do patrimônio natural.

Mas também temos o Instituto de Patrimônio Humanístico e Artístico Nacional (IPHAN), temos o patrimônio natural como: “objetos naturais atributos intangíveis que engloba a fauna e a flora, geologia forma de relevos e que seja áreas de importância da preservação histórica, beleza cênica ou áreas que transmitem a importância do ambiente natural”.

Levando em consideração as normas apresentadas acima acerca do que seja patrimônio natural as narrativas sempre apresentam elementos da natureza como rios e animais na representação dos personagens. Na narrativa do Bianor o rio apresenta-se como elemento indispensável pois foi a caminho dele que o menino desapareceu e nele que ele mora em forma de caruana (cobra grande) em um determinado ponto no igarapé onde forma um buraco em forma de círculo, lá ninguém pula ou se aproxima pois lá é a morada dela e tem que respeitar como nos relata-o morador (C):

Certa vez veio uma moça de uma comunidade próxima e foi tomar banho de rio e olhou para o buraco da cobra e disse: Bianor se tu esta ai aparece que eu quero te ver, não acreditando na história, então quando ela chegou na casa dela ela foi parar no hospital sentindo fortes dores de cabeça pois não se brinca com coisa séria se ela não acredita tudo bem mas tem que respeitar

O rio é tido pela comunidade como sagrado e é preservado e respeitado e usado somente para o lazer da comunidade, festas e bebedeiras não ocorrem não há lixo nas margens do rio, e faz uma reflexão do quanto essa narrativa contribui para a preservação do meio ambiente.



Foto: Rio do Bianor

Fonte: Djaire Bacelar

A o perguntar a moradora A sobre o rio ela narra:

Eu acredito tanto que não gosto que meu neto vá tomar banho nesse rio em horário de 12:00 horas e 18:00 da tarde, pois aconteceram vários relatos de pessoas que foram para lá e presenciaram fatos ou sentiram a presença do menino Bianor, certa vez um rapaz foi juntar murici do chão e viu um rapaz loiro o observando de longe, então ele foi até ele e perguntou se ele queria um punhado de murici e o rapaz não respondeu nada e ficou olhando fixo para ele e depois do ocorrido ele ficou “mundiado”, pois não pode falar com o encantado, eu sei que eu respeito muito esse rio.

Esses horários especificados na fala do morador acima ressalta o quanto alguns moradores da comunidade ainda vivem sobre parâmetros que a natureza impõe haja vista que dizem que nesses horários a mãe do rio gosta de silêncio, e ao

desrespeitá-la ela se aborrece e leva a nascente do rio para outro local fazendo com que ele seque. Isso de modo geral, especificamente na lenda do Bianor, se dá porque lá é a morada dele e já ocorreram vários acontecimentos como relata o morador a seguir a respeito do que a mãe de Bianor, quando ainda estava viva, há muitos anos atrás, orientava a quanto a como se comportar no local do ocorrido

E que também o horário de 6:00 da manhã e aos 12:00 dia e 18: da tarde a mãe dele o via pois a casa era rodeada de muricizeiro ela era cansada de ver aquele rapaz branco loro e que quando os pessoal chegavam pra ir pro rio ela sempre avisava que quando desse meio dia ou 6 da tarde que se eles vissem alguma coisa finjam que vocês não viram não fale não pergunte nada, inclusive dizem que uma vez um senhor foi juntar murici e se deparou com esse rapaz e perguntou tu queres murici? E botou na mão dele e continuou conversando com ele e o rapaz ficou calado, e que não conseguiu nem chegar na casa dele com muita dor de cabeça e que teve que ir pra Belém se tratar nessas casas próprias pra essas coisas que quase ficou louco ai ela disse: eu já não cansei de dizer pra vocês pra não falarem e não olharem...

Carvalho (2018) reforça a importância desse cotidiano como cultura:

Adentrar na educação tendo como referência a Amazônia é necessariamente adentrar pelos seus rios, furos e igarapés que banham as escolas ribeirinhas, onde o povo ribeirinho se mostra como uma população que traz submerso toda complexidade de vivências e saberes desta vasta região e que com sua subjetividade faz emergir em suas águas toda sua cultura vivida em sua cotidianidade.

E Brandão (2003, p. 91) vem realçar esses saberes como cultura popular:

“[...] pessoas, seres humanos que criam a vida que vivem, que vivem e pensam as suas próprias histórias que para eles tem, de fato, um sentido; histórias pessoais e coletivas de vida que desvelam pessoas e grupos humanos”.

Há muitos mistérios que cercam essa narrativa deixando quem a ouve encantada, Nesse sentido concluo que as narrativas transmitem ensinamentos acerca de como cuidar da natureza por ela ser capaz de nos manter vivos e por ser encantadora com suas peculiaridades,

2.4 EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO



Foto: EMEF. José Ataíde da Silva

Fonte: Djair Bacelar

A educação como processo permanente na construção de um indivíduo que seja capaz de se reconhecer como sujeito de sua aprendizagem e reconhecer o lugar no qual está inserido, E evidente a função socializadora da educação, que nos permite conservar, compartilhar e aprofundar na nossa cultura, fazendo-nos participes do conjunto de valores, de normas, de estratégias e conhecimentos próprios do grupo social que nos acolhe(SALVADOR et al., 1999, p.143) segundo Neves (2008, p.102), a educação surge a medida que se institui cultura (conhecimentos, crenças, arte, leis moral, costumes e quaisquer outros hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade). Nesse sentido a LDB 9394/96 lei de diretrizes e bases da educação nacional nos diz em seu capítulo I art. 1º:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (p.1).

Embora a educação patrimonial faça parte do currículo através dos parâmetros curriculares nacionais (PCN), nos temas transversais, percebe-se que a escola ainda está entrelaçada a uma proposta do currículo fechada sem levar em consideração a experiência vivida, pois cada um tem algo a ensinar e aprender dentre os objetivos destaca-se aqui os seguintes:

Conhecer a diversidade do patrimônio etnocultural brasileiro, cultivando atitudes de respeito para com pessoas e grupos que a compõem, reconhecendo a diversidade cultural como um direito dos povos e dos elementos de fortalecimento da democracia. (p.143).

Compreender a memória como construção conjunta, elaborada como tarefa de cada um e de todos, que contribui para a percepção do campo de possibilidades individuais, coletivas, comunitárias e nacionais. (p.143)

Mesmo com esse respaldo na legislação e nos parâmetros curriculares nacionais (PCN) percebe-se o pouco reconhecimento da escola com relação ao incentivo das práticas de valorização do patrimônio.

Patrimônio seja ele material através de edificações e monumentos dentre outros e patrimônio imaterial através de danças, lendas, costumes e tradições que valorizam e caracterizam e eternizam a história de um povo e uma Educação voltada para o estudo do patrimônio é relevante para uma proposta de ensino diferente trazendo elementos do passado que se misturam com o presente, nesse sentido a educação patrimonial.

Consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e, a partir de suas manifestações, despertar no aluno o interesse em resolver questões significativas para a sua própria vida pessoal e coletiva. O patrimônio histórico e o meio ambiente em que está inserido oferecem oportunidades de provocar nos alunos sentimentos de surpresa e curiosidade, levando-os a querer conhecer mais sobre eles. Nesse sentido podemos falar na necessidade do passado, para compreendermos melhor o presente e projetarmos o futuro (MORAES, s.d., p.6).

Os alunos passam a maior parte de sua vida nas escolas fazendo com que ela se torne um lugar de trocas de saberes, essa alfabetização cultural agrega elementos pedagógicos com o objeto patrimônio, numa experiência para que esses bens e fenômenos sejam compreendidos e valorizados, e a escola como espaço de trocas de saberes tem de estar preparada para uma educação voltada para preservação do patrimônio cultural.

Do ponto de vista do patrimônio, a escola é de fato, a extensão é ali que as novas gerações recebem a maior parte do legado cultural herdado do passado. Cumpre aos mestres despertar nos alunos sentimentos de respeito e amor mostrando a eles o valor de nossos bens culturais (ROCHA,1989).

Ministrar conteúdos que contemplam essa temática da pluralidade cultural abre caminho para os alunos se reconhecerem como sujeitos de uma determinada cultura e que essa cultura não é superior tampouco inferior as demais, fazendo com que o aluno consiga em determinado lugar reconhecer traços de sua cultura e a de outros povos incentivando o respeito e tolerância.

[...]uma proposta interdisciplinar de ensino voltada para as questões atinentes ao patrimônio cultural compreende. Desde a inclusão, nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, de temáticas ou de conteúdos programáticos que versem sobre o conhecimento e a conservação do patrimônio histórico até a realização de cursos de aperfeiçoamento e extensão para os educadores em geral [...] de forma a habilitá-los a despertar, nos educandos e na sociedade, o senso de preservação da memória histórica e do consequente interesse sobre o tema (ORÍÁ, s.d., p.2).

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Assume-se que a investigação é de cunho qualitativo com perspectiva etnográfica, pois segundo Oliveira (2008, p.100) o pesquisador vivencia a pesquisa, ou seja interpreta e, por vezes, participa da pesquisa, a princípio a pesquisa foi bibliográfica para conhecer mais o assunto a ser pesquisado através de autores que abordam o tema que segundo Oliveira (2008, p.96):

A pesquisa bibliográfica baseia-se na necessidade de fazer revisões periódicas, que visam apresentar de modo organizado o estágio atual do conhecimento de um determinado assunto, e o trabalho de campo foi para conhecer a comunidade e vivenciar um pouco a cultura local.

Oliveira (2008, p.98) em outras áreas do conhecimento, em especial nas ciências humanas, a expressão pesquisa de campo refere-se normalmente a pesquisa descritiva com a coleta de dados em fontes orais por meio da utilização de entrevistas formulários e questionários.

A pesquisa foi realizada na vila de Mutucal na cidade de Curuçá-PA, por ser o lugar de origem da narrativa, por um período de quatro meses de idas e vindas visitando alguns moradores e conversando informalmente para ir me familiarizando com a comunidade para ir obtendo as informações necessárias para introduzi-los na entrevista da pesquisa.

A escola foi escolhida por ser a única escola de ensino fundamental anos iniciais na comunidade, no qual dois professores aceitaram ser depoentes e responderam as seguintes perguntas de uma maneira informal

- 1- Como morador da vila acredita na narrativa?
- 2- Desenvolve alguma atividade em sala de aula utilizando a lenda?
- 3- Quando os alunos trazem relatos sobre a narrativa de que maneira o senhor absorve, valoriza esse conhecimento ou deixa de lado?

3.1 ANALISE DE DADOS

Nas abordagens aos professores foi percebido que estes têm uma forte ligação com este imaginário popular da lenda de Bianor, como demonstra ao serem perguntados quanto a credibilidade na lenda: Professor (A):

Eu acredito porque meu pai participou das buscas na tentativa de encontrar o Bianor, minha mãe era prima da mãe dele nasci e me criei ouvindo essa lenda por isso eu acredito muito e respeito demais não gosto de tomar banho no igarapé.

E no relato do Professor (B) “eu acredito porque ele existiu e viveu por um período aqui e desapareceu e hoje está encantado em forma de caruana (cobra grande)”. Dando total credibilidade a esta lenda como um Patrimônio e memória local que deva ser respeitado

Quando estes professores foram perguntados se as crianças trazem a lenda em seu imaginário para a sala de aula, estes acenaram positivamente para estas situações vivenciadas em sala de aula, como demonstram os relatos abaixo:

Professor (a): “sim e muito, de vez em quando eles chegam contando que um conhecido estava no igarapé e sentiu a presença do Bianor, que não sei quem foi tirar uma foto e apareceu um vulto na imagem enfim são várias as histórias que eles chegam contando aqui na sala”.

Professor (b): “sim essa lenda é muito viva e encanta as crianças pois elas já nascem sabendo dessa história”.

Com base no relato acima apresentado, embora as crianças conheçam a lenda faz se necessário por parte do professor o incentivo ao sentimento de pertencimento a uma identidade cultural.

[...] diferentemente dos historiadores, os alunos nas escolas não buscam gerar ‘novo’ conhecimento por meio de evidências e narrativas históricas, mas geram novas compreensões históricas pessoais. Assim, uma das formas como os alunos e professores confere significado ao passado é pensar acerca da construção de narrativas ou versões deste passado (SCHMIDT, 2009, p.45).

Reafirmando que este passa a ser um evento cultural que caracteriza esta comunidade fazendo-a ter uma diferencial em sua memória histórica.

Quanto ao processo de ensino e aprendizagem envolver esta bagagem cultural da comunidade dentro da sala de aula, valorizando a memória e identidade desta comunidade os professores relatam da seguinte forma:

Professor (A): “eu os escuto e gosto que eles falem pois estimula a oralidade deles e eu peço para que eles desenhem a história no caderno deles, trabalhamos com a lenda no período da semana do folclore”.

Utilizar a vivencia das crianças para:

Os primeiros pontos de apoio que o indivíduo encontra para a sua futura criação imaginativa é o que vê e o que escuta, que servirão de materiais que serão acumulados para a construção de sua imaginação (VYGOTSKY,1996, p.31).

Esses elementos imaginativos quando estimulados em sala de aula possibilita Professor (b);” sempre que eles vem contando eu converso com eles e na semana do folclore eles fazem apresentações musicais dançando o carimbo do Bianor”.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

A fala dos professores esta carregada de pertencimento e valorização da memória local. Percebe-se que eles acreditam na lenda por serem moradores da vila onde ocorreu o desaparecimento de Bianor, mas utilizam pouco todo esse recurso didático que a lenda oferece para dentro da sala de aula como: incentivo na fala e na escrita, que a narração da lenda favorece para o desenvolvimento e a dicção e para a ampliam do vocabulário, além de conhecem outras palavras, melhoram a sua coordenação motora e fundamentalmente se reconhecerem como pertencente a uma comunidade que tem uma memória viva que precisa ser valorizada. Carvalho (2018) traz essa reflexão:

O afastamento das práticas discursivas curriculares que prioriza todo um arcabouço conceitual da cultura acadêmica vez por hora, negligencia o que ainda deixou de aprender através destes espaços de saberes que nascem das comunidades.

Entender que uma educação voltada para a preservação do patrimônio é relevante pois abre caminho para que as futuras gerações conheçam a história de seus antepassados e se reconheçam como sujeitos que fazem parte de uma

determinada cultura enriquecendo a diversidade do seu país com seus costumes e narrativas que são únicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa deparei-me com várias situações, principalmente na recusa de muitos moradores em disponibilizar seus relatos, mas depois foi percebido que era por ser desconhecida para alguns mas depois devidos as idas e vindas fomos nos familiarizando e os objetivos da pesquisa foram se colocando à disposição. Na escola não houve recusa por parte de nenhum dos professores foram acolhedores. A direção da escola dispôs em mostrar os acervos de fotos da semana do folclore, data que por sinal é onde enfatiza-se a lenda do Bianor.

Conclui-se que os professores estão presos a um currículo vindo da secretária de educação do município haja vista terem relatado que a escola não possui um PPP (projeto político pedagógico) e pelo fato de não conhecerem as propostas do PCN quanto a diversidade e pluralidade não voltam seus planejamentos de ensino para o que o dia a dia local com suas representações fazendo uso da lenda mesmo que de maneira aleatória, pois somente na semana do folclore que eles ensinam sobre lendas de modo geral dando ênfase na lenda somente nas apresentações de carimbo.

Mesmo que a pesquisa tenha apontado a manifestação dos alunos constantemente trazendo a lenda para a sala de aula percebeu-se que o desconhecimento da importância desta como forma de fortalecimento da cultura local.

De modo geral percebeu-se que mesmo os professores acreditando na lenda encontram dificuldade didáticas metodológicas e interdisciplinares com relação a lenda e até mesmo por desconhecerem a importância desse patrimônio que precisa ser preservado.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARINOS, Afons. **Lendas e Tradições Brasileiras**. 2º ed. Rio de Janeiro: Briguiet e Cia, 1937.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios da psicologia social. São Paulo: Ateliê. 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cenário e momentos da vida camponesa**: três dias de caderno de campo em uma pesquisa no Pretos de Baixos do Bairro dos Pretos. Joanópolis. São Paulo, 2003.

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**.

CARVALHO NETO, Paulo de. **Folclore e educação**. Rio de Janeiro: ed. Forense-Universitária: Salamandra; São Paulo secretaria de cultura do Estado de São Paulo, 1981.

CARVALHO, MARCIA DA SILVA. As águas da cultura vivida inundando a educação: uma leitura sobre letramentos e cultura ribeirinha. Dissertação (ppged/iced) – Universidade Federal do Pará - Belém.

FERREIRA, M.L.M (2006). **Patrimônio**: discutindo alguns conceitos. Diálogos, 10(3), 79-88.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: Uma Poética Do Imaginário**. In: Obras reunidas. V. 4. São Paulo: Escrituras, 2001.

MACHADO, I.A. **Literatura e redação**. São Paulo: SCIPIONE, 1994.

MORAES, Allana Pessanha de. **Educação patrimonial nas escolas**: aprendendo a resgatar o patrimônio cultural. Disponível em: [http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/allanna_p_moraes_educ_patrimonial .pdf](http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/allanna_p_moraes_educ_patrimonial.pdf)

ORIÁ, Ricardo. Memória e Ensino de História. In: BINTTERCOURT, Circe (org). **O saber histórico na sala de aula**. 5. Ed. São Paulo: contexto. 2001.

PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialProgramaMais Educacao_fas1_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialProgramaMaisEducacao_fas1_m.pdf). Acesso em 20 de junho de 2018.

ROCHA, Guido. **Cartilha do patrimônio histórico e artístico de minas gerais**. Belo Horizonte: secretária de estado da cultura, 1989.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

RUSEN, Jorn. **Razão histórica: teoria da história**: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins, Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000b.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Cognição histórica situada**: que aprendizagem é esta? Aprender história: perspectivas da educação históricas. Org. Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca. Coleção cultura, escola e ensino. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

ANEXO



Foto: Ponte de São João de Abade onde pega o barco pra fazer a travessia.

Fonte: Djaire Bacelar



Foto: Travessia do rio Muriá que dá acesso a ilha de fora, Iririteua e Mutucal

Fonte: Djaire Bacelar



Foto: Ramal que dá acesso a vila de Mutucal

Fonte: Djaire Bacelar



Foto: Caminho que dá acesso ao igarapé do Bianor

Fonte: Djaire Bacelar



Foto: Igarapé do Bianor

Fonte: Djaire Bacelar